

## FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO CRISTÃO: TENDÊNCIAS SOCIOPOLÍTICAS

### CHRISTIAN RELIGIOUS FUNDAMENTALISM: SOCIAL-POLITICS TENDENCIES

*Márcio Luís Costa\**

*Alex Silva Messias\*\**

#### RESUMO

Nas últimas décadas se observa o retorno da religião sob forma de fundamentalismo religioso, utilizando a mídia e instrumentos de pressão política para fazer valer suas crenças, pois diante do receio ao questionamento, os fundamentalistas veem no “outro”, no diferente, uma ameaça a ser combatida e, em alguns casos, extirpada para preservar suas convicções. O presente estudo tem por objetivo discutir as tendências sócio-políticas do fundamentalismo religioso cristão. Para tanto, com método bibliográfico narrativo, visitamos alguns autores em nível nacional e internacional, que abordam as condições que fizeram emergir o fenômeno social do fundamentalismo religioso, sua estruturação e atuação, até suas demandas sócio-políticas. Os resultados apontam que quando se identifica e transfere qualquer responsabilidade pessoal e histórica para as forças externas, o “outro”, entendido como pessoa e/ou instituição,

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Nacional Autónoma do México (2000). No Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da UCDB, do qual foi coordenador de 2014-2017, colabora transversalmente, desde a Filosofia, com a discussão e o aprofundamento dos temas relativos às condições epistemológicas e fenomenológicas para a construção do conhecimento científico na pesquisa no campo da Psicologia. Coordena o Grupo de Pesquisa Modelos Histórico-epistemológicos e Produção de Saúde, com registro no CNPQ e Certificação da UCDB. Integrou e presidiu o CEP da UCDB por dois mandatos consecutivos, de 2013 a 2018. Colabora como Professor convidado na disciplina de Epistemologia no Doutorado em Educação da UCDB. E-mai: [marcius1962@gmail.com](mailto:marcius1962@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4945928248081303>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0412-4812>.

\*\* Mestre em Psicologia pela UCDB (2018). Interessa-se pelas áreas de Religião, Psicologia e Filosofia. E-mai: [alexmessias2020@gmail.com](mailto:alexmessias2020@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3388170494750005>.

não podemos negar que esse processo alcança dimensões de problema social. Notamos algumas tendências como mudança de movimento religioso para ideologia acirrada, da postura de fiel para militância, do “ad intra” das religiões para demandas “ad extra”, dos altares e púlpitos para ocupações políticas.

**Palavras-chave:** Fundamentalismo Religioso; Protestante; Católico.

## **ABSTRACT**

In the last decades the return of religion in religious fundamentalism form can be observed, using media and instruments of political pressure, because when facing the fear of questioning, fundamentalists see in the “other”, in the different, a threat to be stopped and, in some cases, extirpated to preserve their convictions. This study aims to discuss the social-politics tendencies of the Christian religious fundamentalism. For that, with the narrative bibliographic method, we visited some authors of national and international level, that approach the conditions that caused the emergence of the religious fundamentalism social phenomenon, its structure and role, until its social-politics demand. The results show that when any personal or historical responsibility is identified and transferred to external forces, the “other”, understood as person and/or institution, we cannot deny this process reaches dimensions of social problem. We notice some tendencies such as the change of the religious movement to fierce ideology, from the posture of faithful to militancy, from “ad intra” of religions to “ad extra” demands, from the altars and pulpits to political positions.

**Keywords:** Religious Fundamentalism; Protestant; Catholic.

## **INTRODUÇÃO**

Ao discorrer sobre o fundamentalismo religioso, percebemos que existe uma significativa e ampla complexidade ou para não dizer, confusão, em torno do tema. A partir da década de 70, os fundamentalistas organizados em grupos ou movimentos se multiplicaram rapidamente e abrangeram diferentes extratos e segmentos sociais, tal que, quando se fala em fundamentalismo, geralmente se pensa no fundamentalismo religioso, no entanto, há o fundamentalismo político, econômico, cultural, alimentar, entre outros.

Diante da complexidade do tema, o presente estudo tem por objetivo analisar as tendências sócio-políticas do fundamentalismo religioso cristão, o que não significa que possivelmente em outras religiões como, por exemplo, o hinduísmo, o budismo, o judaísmo e o islamismo tenham menor inclinação ao fundamentalismo. Escolhemos o fundamentalismo cristão, porque possivelmente esse, foi germe e a inspiração dos demais fundamentalismos provenientes na modernidade.

O presente artigo se caracteriza pelo método de revisão bibliográfica narrativa, em que se visitou alguns autores em nível nacional e internacional que abordam a temática em questão, dispondo-os em três momentos. No primeiro, descreveremos as condições de possibilidade que fizeram emergir o fenômeno social do fundamentalismo religioso; na sequência, o processo de estruturação e de atuação do fundamentalismo protestante e católico; no terceiro momento, será possível discutir algumas tendências atuais de viés sócio-político do fundamentalismo cristão.

## O FENÔMENO SOCIAL DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

O fenômeno social do fundamentalismo religioso está relacionado à teoria da secularização que marcou as décadas de 50 e 60, tendo por princípio a afirmação da racionalidade e certa intimidação das experiências religiosas na esfera pública, que até então lhe serviam de fundamento. Tratava-se de uma sobreposição do *logos* sobre o *mythos*, negando a possível complementaridade de ambos para a compreensão do sentido da vida e do mundo.

O racionalismo científico, fonte do poder e do sucesso ocidentais, desacreditara o mito e proclamara-se o único meio de se chegar à verdade. A razão não podia, porém, debater as questões essenciais; tal debate nunca foi da competência do *logos* (ARMSTRONG, 2017, p. 190–191).

Nesta esteira, Oro (1996) chega a afirmar que a emancipação da razão é tamanha para o progresso das forças produtivas, da democracia, da liberdade, da saúde e da riqueza, que nem mesmo o Deus da tradição judaico-cristã conseguiria cumprir sua promessa de vida longa e feliz sobre a terra. O que o mundo pode oferecer e a razão explicar está fora da necessidade de qualquer submissão ou fundamento religioso. No entanto, se com o racionalismo científico e a secularização, a religião que era para ser sucumbida à esfera privada, nas últimas décadas não somente tem se fortalecido, mas também retornado como tendência sócio-política:

(...) No final da década de 1970, os fundamentalistas começaram a rebelar-se contra essa hegemonia do secularismo e a esforçar-se para tirar a religião de sua posição secundária e recolocá-la no centro do palco... A religião voltou a ser uma forja que nenhum governo pode ignorar impunemente (ARMSTRONG, 2017, p. 10).

Para estes, não há meio termo, independente de quem sejam seus inimigos serão sempre os “outros” que não compartilham de seus ideais e/ou crenças religiosas. Moltmann (1992) relata que, não obstante ao vigoroso retorno da questão religiosa, sob uma perspectiva fundamentalista, foram almejadas algumas tentativas de diálogo e possível convivência com a “razão e o secularismo” por parte do cristianismo. Como exemplo, citamos a realização do Concílio Vaticano II, por parte do catolicismo, realizado nos anos de 1962 a 1965. No entanto, até hoje existem grupos de resistência e negação do referido Concílio<sup>1</sup>.

Moltmann (1992), também aponta que os tidos fundamentalistas não reagem propriamente às crises oriundas do racionalismo científico e do secularismo, mas às crises que essas concepções de vida e de mundo provocam à sua comunidade de fé, nos seus valores e convicções básicas.

No desenrolar da história, parece que após o secularismo, a modernidade passou a transitar do relativismo ao fundamentalismo, enquanto, no primeiro, pode reinar o excesso de dúvida, no fundamentalismo se dá a ausência da dúvida e do diálogo. Não suportando a secularização do Estado, o chamado *Estado Laico*, busca restabelecer o Estado confessional e homogêneo, como meio de resgatar e preservar suas identidades tradicionais. Trata-se de um combate entre o bem e o mal e, esse último, pode ser personificado no outro, numa pessoa que simplesmente pensa diferente ou nas novas vertentes da compreensão social.

A ideia de defesa e de afirmação da verdade absoluta, contida num livro sagrado, alimenta a visão apocalíptica do combate final entre o bem e o mal, interpretando uma necessidade social emergente entre os indivíduos: o medo de perder as próprias raízes, de perder a identidade coletiva. O mal assume diferentes máscaras: o pluralismo democrático, o secularismo, o comunismo, o ocidente capitalista, o Estado moderno eticamente neutro e por aí adiante (PACE; STEFANI, 2002, p. 22).

É curioso que os fundamentalistas rejeitam alguns aspectos da cosmovisão moderna, como o pluralismo, o racionalismo científico, o secularismo, mas se beneficiam e se apropriam dos instrumentos técnicos provenientes da modernidade, como a própria

---

1 Maior encontro das autoridades da Igreja Católica Apostólica Romana, podendo ou não convidar peritos das diversas áreas do conhecimento. É presidido e sancionado pelo papa, para deliberar sobre questões de fé, liturgia, costumes ou doutrina.

impressão da Bíblia e os meios de comunicação. Diante desse cenário aonde os fundamentalistas negam a modernidade e, simultaneamente, se apropriam de alguns de seus recursos, é que se perceberá as tendências sócio-políticas que tem acalorado o fundamentalismo cristão. No próximo tópico caracterizaremos, mesmo que sumariamente, o fundamentalismo religioso cristão, nas denominações protestante e católica.

### *Fundamentalismo Cristão-Protestante*

Até 1517 o cristianismo era a religião homogênea da Cristandade Medieval. No entanto, com a Reforma Protestante<sup>2</sup> daquele ano, houve um desdobramento que desencadeou o nascimento do Protestantismo e a instituição da Igreja Católica Apostólica Romana, concomitantemente. O Protestantismo, por sua vez, abriu um amplo leque de novas e variadas denominações cristãs, o que desafia qualquer tentativa de quantificação.

Nesse amplo leque que se abriu, temos os evangélicos, os pentecostais, os neopentecostais, além daqueles que não se enquadram em nenhuma dessas denominações. E, embora se tenha configurado essa heterogeneidade, é possível assinalar certo ordenamento centrado na Bíblia, na doutrina e na autoridade do líder religioso. Assim, esse ordenamento pode ser o ponto em comum para as diversas denominações cristãs, incluindo o catolicismo.

Foi nessa perspectiva que Martinho Lutero (1483-1556), João Calvino (1509-1564) e Huldrych Zwingli (1484-1531) reportaram-se às fontes da tradição bíblica na tentativa de buscar respostas às suas indagações. Centralizaram a soberania absoluta de Deus e tiveram de recriar seu universo religioso, recorrendo em alguns casos a medidas extremas e até mesmo de agressividade para que sua religião pudesse falar ao mundo: “... sabiam ser intransigentes com quem se opusesse a seus ensinamentos: Lutero achava que se devia queimar os livros ‘heréticos’; Calvino e Zwingli estavam dispostos a matar os dissidentes.” (ARMSTRONG, 2017, p. 100).

---

2 A Reforma Protestante foi liderada por Martinho Lutero, que publicou suas 95 teses em 31 de outubro de 1517, protestando em frente à igreja do Castelo de Wittenberg, contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana.

Somente após três séculos da reforma protestante (1517), que o fundamentalismo religioso, enquanto grupo e militância, surgirá no interior do conservadorismo protestante no século XIX. Na segunda metade daquele século, a sociedade avançara no progresso tecnológico e na evolução das ciências. Com a industrialização e a mentalidade pluralista de um lado, e o advento da exegese bíblica histórico-crítico do outro, tanto na Europa como nos Estados Unidos, se tornaram ingredientes decisivos no terreno em que viria se consolidar o fundamentalismo protestante.

Para Pace e Stefani (2002) a palavra fundamentalismo é oriunda da Conferência Bíblica do Niágara [EUA], realizada entre os anos de 1878-1879, culminando com um documento final que fixou cinco proposições inegociáveis: (a) inerrância verbal da Bíblia; (b) a divindade de Jesus Cristo; (c) o nascimento virginal de Maria; (d) teoria substitutiva da redenção; (e) ressurreição corpórea de Cristo com seu retorno no fim dos tempos. No entanto, a interpretação literal da Bíblia e o retorno iminente de Jesus, se tornaram as proposições que mais caracterizaria o fundamentalismo protestante.

A Bíblia se torna no conservadorismo protestante a fonte única do conhecimento de Deus, tal que, "... Igreja e mundo passam a depender, conseqüentemente, da interpretação literal do texto bíblico. Qualquer alternativa deve, obrigatoriamente, traduzir a intenção de negação, ou mesmo destruição, da revelação divina e da civilização cristã" (VELASQUEZ FILHO, 1990, p. 117–118). Já o retorno iminente de Jesus Cristo, também conhecido por milenarismo, tendo por base teórica o capítulo 20 do livro bíblico do Apocalipse ganhou força no século XIX, dando origem inclusive a vários movimentos religiosos como os Mórmons, os Adventistas e as Testemunhas de Jeová.

A postura do fundamentalista protestante tinha como objetivo a afirmação radical e literal da tradição bíblica contra as interpretações críticas provenientes da modernidade. Como exemplo dessa postura podemos citar entre outros, a cultura WASP<sup>3</sup> dos Estados Unidos da América, que se compreendia como "o povo escolhido

---

3 WASP é uma sigla em inglês: White, Anglo-Saxon and Protestant, que significa Branco, Anglo-Saxão e Protestante. Surgiu no início do século XX tendo por base o combate a raça, nacionalidade (ou regionalidade) e religião alheia, com objetivo de preservar os valores tradicionais por meio de uma religiosidade inflexível (WHITERUP, 2004).

por Deus”, descrito na bíblia, para anunciar a verdade ao mundo, levando-os a acreditarem que os ideais americanos deveriam incidir nos interesses mundiais.

Para Armstrong (2017), os fundamentalistas podem estimular que seus adeptos alcancem cargos políticos e públicos para salvaguardar uma sociedade baseada nas normas bíblicas. Veem nestes cargos não somente uma questão de administração pública, mas sim a batalha entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortalecer sua identidade através da retomada de certas doutrinas do passado.

Numa vertente mais “contra católicos”, os fundamentalistas protestantes também afirmavam que os santos da Igreja Católica e suas relíquias eram ídolos; a Eucaristia era apenas um símbolo e a Missa uma simples comemoração e não o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, conforme entendia a teologia católica. Deviam apresentar-se sozinhos diante de Deus, portando apenas a Bíblia, pois a leitura silenciosa e solitária ajudaria a libertar das formas tradicionais de interpretação e de censura do catolicismo. Nessa esteira, Carranza (2015) assinala que por meio da teologia da prosperidade e da ética do trabalho capitalista, assimilavam uma cosmovisão teológica onde é possível estabelecer uma relação de troca ou desafio com Deus, que será confirmada no crescimento econômico do fiel.

Após meio século de efervescência do fundamentalismo religioso, no final da II Guerra mundial em 1945, os fundamentalistas protestantes se sentiam praticamente a margem no decurso da sociedade. Tinham contra-atacado a modernidade que os derrotara. Justamente diante de uma “aparente derrota”, é possível averiguar que na verdade, os fundamentalistas protestantes estavam na eminência da elaboração de uma contracultura defensiva.

Após a década de 80, emerge o fenômeno do neofundamentalismo protestante. Tratava-se de uma nova vertente ou ampliação do seu próprio fundamentalismo, com a vontade generalizada de ter uma experiência direta com o sagrado e sentir nas mãos a força do sagrado. Uma experiência pessoal desse tipo seria o afago dos medos que assolavam aquela época. Assim, o que fazer?

Numa tentativa de resposta, afirma Pace (1990, p. 43): “... o neofundamentalismo representa a tentativa de fazer reviver uma comunidade de sentimentos religiosos e

políticos no tempo do individualismo exacerbado. E o faz usando a mídia e os instrumentos de pressão política.” Nesse sentido, Armstrong (2017) apresenta alguns dados que demonstram o vigor do retorno dos fundamentalistas protestantes, não somente atrelados às questões da inerrância bíblica e do milenarismo, mas agora com tendências sócio-políticas:

(...) a existência de aproximadamente 1300 emissoras de rádio e televisão evangélicas, com uma audiência de cerca de 130 milhões de pessoas e lucros estimados entre 500 milhões e alguns “bilhões” de dólares. Como declarou o destacado fundamentalista Pat Robertson durante as eleições de 1980: “temos votos suficientes para governar esse país” (ARMSTRONG, 2017, p. 360).

Se no início do fundamentalismo protestante havia a preocupação com a doutrina bíblica, agora os neofundamentalistas chegaram dispostos a reinventar a essência da religiosidade primitiva que ultrapassa as formulações de um credo. Seu discurso religioso não era propriamente o *logos*, embora se ancorasse nos textos bíblicos, mas parecia que uma nova ordem surgia em seus cultos, onde o *mythos* encontrava seu espaço:

(...) homens e mulheres falavam línguas desconhecidas, entravam em transe, caíam em êxtase, levitavam, sentiam o corpo rir de indizível alegria, viam raios de luz, esparramavam-se no chão, derrubados pelo que parecia o peso do louvor a Deus (ARMSTRONG, 2017, p. 249).

Para Cunha (2007), a chamada cultura gospel pode ser entendida como desdobramento desse novo momento, aonde a música ganha destaque por mediatizar a comunicabilidade religiosa. A música também constituiria um elemento catalizador de sentimentos unido à gestualidade, tais como os olhos fechados, as expressões faciais chorosas, a cabeça jogada para trás e os braços levantados.

Segundo Oro (1996), no Brasil, os neofundamentalistas têm oferecido uma vitrina farta e variada. Isso porque, nas décadas de 80 e 90, verificou-se uma multiplicação de templos em território nacional. Parlamentares federais ligados, principalmente às igrejas pentecostais, articulavam-se em vista de uma ação política mais intensa a serviço dos seus interesses, atuando no Congresso Nacional através da “Bancada Evangélica”.

Numa perspectiva geral, podemos apontar que o fundamentalismo cristão protestante está povoado de diversas correntes e movimentos. Distintos entre si, mas se fortalecem para apregoar suas demandas religiosas, políticas, e, em alguns casos, contra católicos. Por meio da política, da economia, de escolas, dos programas de rádio e televisão, utilizam tanto a instrução moral quanto da acadêmica para a formação de cristãos protestantes tão fervorosos e, se preciso (for), convictos militantes para combater a secularização do mundo.

### *Fundamentalismo Cristão Católico*

Nos últimos anos percebemos certo fundamentalismo no catolicismo, até porque esta comunidade está longe de ser um todo homogêneo. Existem diferentes e divergentes compreensões da doutrina, da liturgia e de correntes de pensamento da fé católica. Libanio (1984) afirma que muitos autores ao falar do fundamentalismo católico, referem-se principalmente ao movimento em torno do bispo francês Monsenhor Marcel Lefebvre, que acabou em cisma, principalmente por sua discordância nas questões litúrgicas, que negava os novos ritos advindos do Concílio Vaticano II (1962-1965) e assumia o Concílio de Trento (1543-1563), como modelo por excelência de Igreja Católica Apostólica Romana.

Numa rolagem de autores, Locke aponta que após o Concílio Vaticano II, vários grupos ou movimentos tentam de todas as maneiras “inibir a resposta dos católicos aos problemas sociais, obscurecer a imagem de esperança e abertura da Igreja conciliar e enfrentar uns contra outros setores da Igreja.” (1992, p. 331). Numa perspectiva diferente à de Locke, encontramos Ricardo Franco (1992) descrevendo que existem movimentos na Igreja Católica que têm apenas “simpatia” por ideias fundamentalistas, mas que depois do Concílio Vaticano II, exceto o caso do Monsenhor Lefebvre e outros casos isolados, não se poderia falar de fundamentalismo religioso no interior do catolicismo.

Há autores, como Daniel Alexander (1991), que compara o integrismo católico como o mais próximo do que se poderia denominar de fundamentalismo protestante. Ambos surgiram na modernidade e se opõem aos próprios movimentos modernistas. O Integrismo designa a corrente de católicos antimodernos e antiprotestantes que aparece na Europa e nos Estados Unidos da América, principalmente, após a

Encíclica *Pascendi dominici gregis* – Sobre as doutrinas modernistas (1907) do Papa Pio X, que não concordavam com a separação entre Igreja e Estado. Lutavam com afinco para ocupar o campo social que o catolicismo havia perdido com o secularismo.

Mesmo com ressalvas, conforme encontramos na literatura pesquisada, podemos acenar algumas posturas que podem ser caracterizadas como fundamentalismo cristão católico:

- 1) Traição ao Vaticano II e retorno à Tradição.
- 2) A centralização do poder corroendo a colegialidade.
- 3) A repressão à reflexão teológica.
- 4) Apoio aos novos movimentos: Opus Dei, Comunhão e Libertação, Neocatecumenato, Schonstadt, Focolares e Movimento Emanuel... cuja preocupação principal é defender a instituição, expandir a Igreja ao Leste e ter algumas práticas assistencialistas em relação aos pobres (ORO, 1996, pp. 42–44).

Nesta esteira podemos adicionar ainda outras posturas que acaloram os fundamentalistas, tais como: pouca abertura à modernidade, ênfase na doutrina católica e mitigada abertura ao ecumenismo, infalibilidade papal, punição e/ou excomunhão a teólogos que não são fiéis ao magistério da Igreja, uso das vestes clericais em tempo integral, não ordenação de mulheres e homens casados, proibição de preservativos, de anticoncepcionais e do sexo antes do casamento.

Numa análise dessas características, nota-se a relevância do seu texto sagrado, a Bíblia, mas também se averigua sua ancoragem no magistério eclesial, principalmente nos textos dos Concílios de Trento e do Vaticano I e Vaticano II. Constata-se um conglomerado de grupos e movimentos, que vai desde os adeptos ao *logos* como o integrismo, movimento Lefebvre, Opus Dei, Focolares, Arautos do Evangelho, Toca de Assis, até os mais dados ao *mythos* como a Renovação Carismática Católica, Comunidade Canção Nova, Shalom, entre outros. Na literatura pesquisada, notamos que a maioria dos autores católicos reconhecem as posições conservadoras e reacionárias de alguns grupos e movimentos, mas rejeitam-lhes a definição de fundamentalistas.

## **TENDÊNCIAS SÓCIO-POLÍTICAS DO FUNDAMENTALISMO CRISTÃO**

Diante da diversidade de correntes de pensamento, aspectos doutrinários e até mesmo compreensões discordantes entre correligionários do próprio cristianismo, notamos duas bases mais recorrentes aonde assentam o fundamentalismo religioso cristão "... a tendência à exclusividade e a necessidade de se auto definir em oposição a alguém ou a algo." (PACE, 1990, p. 14).

Na primeira postura é possível averiguar que a crença de fé para além de toda dúvida, ou crítica, determina de maneira indiscutível a pertença a um mesmo grupo que une e fortalece sua identidade, facilitando a mobilização coletiva e a obediência a um líder carismático, que passa a ser concebido como portador da verdade absoluta. Na segunda, em nome dessa verdade absoluta, surge a necessidade de opor-se a alguém ou a algo, como forma de prevenção contra uma possível ameaça à integridade da verdade compreendida e vivenciada.

Ainda nessa esteira, Brenda Carranza (2009, p.151), chega afirmar que os fundamentalistas veem o mundo a partir de duas abordagens: "sagrado-profano, bem-mal, certo-errado, levando a excluir física e/ou simbolicamente a todo aquele que ameace essa compreensão ou não pense e sinta dessa maneira." Trata-se de um dualismo que imprime uma concepção de vida em indivíduos e grupos que não aceitam a tolerância, nem o respeito pelo diferente, podendo inclusive recorrer ao discurso agressivo e a práticas violentas para fazer valer suas crenças.

Por isso, é próprio do fundamentalismo gerar dependência em relação ao seu líder, que vai reproduzindo em seus adeptos, mudança de comportamento acordes às suas categorias interpretativas e valorativas, crivadas de estereótipos do agrado das pessoas que o seguem. É como se do líder, emanasse uma força transcendental tão poderosa que seria impossível não tentar segui-lo fielmente. Como exemplos desses líderes, salvaguardadas as diferenças, podemos citar o Martinho Lutero no Protestantismo e o Papa no catolicismo: "... sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o 'fundamental' afim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação." (ARMSTRONG, 2017, p. 11).

Notamos ainda que os fundamentalistas têm em comum o anseio de retornar ao que consideram ser as fontes e/ou fundamentos de suas respectivas religiões, em contrapartida à modernidade, principalmente, pelas descobertas e teorias científicas

que muitas vezes contradizem a verdade mítica de seus livros sagrados. A postura desmedida de sobrepor o *logos* sob o *mythos* e vice-versa pode provocar não somente o fundamentalismo religioso, mas uma militância que acreditam praticar em nome de Deus.

Nesta altura uma pergunta se torna relevante: haveria uma circunstância em comum que permita compreender o surgimento do fundamentalismo religioso? Notamos que tanto o fundamentalismo protestante como o católico, foram gerados e nutridos por sociedades em crise. Aonde perpassam crises econômicas, religiosas, políticas e culturais, haverá maior fertilidade para a instalação desse tipo de fundamentalismo, com o desejo de suprir o vazio deixado pela crise por meio de laços profundos e resistentes, com a promessa de alcançar a sobrevivência e a redenção.

Vale ainda ressaltar que o fundamentalismo não é necessariamente sinônimo de ignorância ou arcaísmo. Em certo sentido, esses grupos são conservadores que se adaptam secularmente e com frequência vemos que seus membros comungam com outros fundamentalismos econômicos, culturais, étnicos, engrossando camadas vulneráveis a radicalismos sociais (CARRANZA, 2009, p. 8) A situação é tão emergente que, no ano de 2013, Joseph Ratzinger, o atual papa emérito Bento XVI, chama de “patologias” da religião, os fundamentalismos, e os excessos da razão técnica, de terrorismo. Ele estima que a razão deva ser lembrada de seus limites de se aprender uma capacidade de escuta com relação às grandes tradições religiosas da humanidade (RATZINGER *apud* CLAURET, 2013, p. 37)

Curiosamente, os fundamentalistas nunca foram grupos majoritários, mas também não deixaram de “. . .estabelecer nichos operacionais (...) ocupar postos de influência nas estruturas de comunicação de massa e organizar lobbies para exercitar a pressão política sobre legisladores e autoridades do executivo.” (DIAS, 2008, p. 6).

A partir das contribuições de Pace (1990), Oro (1996), Dias (2008), Armstrong (2017) é possível observar que o fundamentalismo religioso cristão pode apresentar as seguintes características: possuem livros sagrados ou textos autoritativos e o seguem de maneira literal; sua origem está relacionada a um período de crise sociocultural; possuem como estrutura, na relação líder e fiéis, uma influência autoritária e totalitária; desenvolvem nos seus adeptos forte sentido identitário e pertença ao grupo;

caracterizam-se por um antagonismo contra algo ou alguém que pensam diferente de suas convicções, podendo chegar a nominá-los de inimigo ou demônio.

Nessa direção, o fundamentalismo não é somente um movimento religioso, mas se trata de uma atitude pessoal e/ou coletiva: o “Fundamentalismo é hoje uma atitude antes que um movimento. E trata-se de uma atitude altamente ideológica. É intransigente e inflexível; busca a conformidade e teme a liberdade acadêmica.” (CARNELL, 1958, p.146).

Disso decorre uma tendência de fundo sócio-política no interior do fundamentalismo cristão. Geralmente, os fundamentalistas não operam somente no plano individual e sim no coletivo, pois segundo suas compreensões, as instituições da sociedade, o governo, a mídia, são controlados por pessoas ou projetos que ameaçam a crença rezada, compreendida e incorporada, por isso, “a luta deve ser intensificada, bem como firmados os acordos necessários com a política institucional, por que o tempo urge.” (CASTELLS, 1999, p. 41).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Será que na atualidade ainda tem sentido estudar as tendências sócio-políticas do fundamentalismo religioso cristão? Nada mais ilusório do que pensar que o século XXI será menos religioso. Notamos que tanto sua estruturação como a operacionalidade do fundamentalismo religioso têm revelado a revitalização da religião.

De maneira vigorosa o fundamentalismo cristão continua angariando prosélitos e formando militantes, investindo na possibilidade de demonstrar o seu *mythos* como conhecimento científico e absoluto para conquistar maior aceitação frente à modernidade e ao racionalismo científico, ora abrindo mão de explicações racionais, promove culto e celebrações regadas às emoções.

Com isso, é possível averiguar certas tendências e trânsitos, como mudança de movimento religioso para ideologia acirrada, da postura de fiel para militante convicto, do *ad intra* da religião para demandas *ad extra*, dos altares e púlpitos para ocupações políticas.

Diante desse cenário, uma questão que emerge com maior preocupação é o processo de demonização do outro, aonde facilmente os fundamentalistas podem disseminar a

construção demoníaca no imaginário coletivo, consolidar a necessidade de se dirigir às origens da própria religião e transferir qualquer responsabilidade pessoal e histórica para as forças externas.

Quando se identifica a morada do demônio no outro, como por exemplo, nas igrejas e imagens sacras dos católicos, nas religiões afrobrasileiras, na Política, no Estado, não podemos negar que esse processo alcança dimensões de problema social. Por isso, não podemos abdicar a relevância das religiões no mundo atual, mas também não podemos subestimar sua força de mobilização para a promoção de radicalismos hostis que podem chegar à violência ou na construção da civilização do amor e da paz, tão cara ao cristianismo.

Por isso, como o presente artigo se dedicou somente a revisão bibliográfica narrativa, recomenda-se aprofundar o estudo com pesquisa de campo que envolvam líderes religiosos, grupos fundamentalistas, parlamentares e membros da sociedade civil organizada, no intuito de descortinar itinerários de tolerância e diálogo para o convívio social, bem como, estimular o contributo da religião para vivência madura do Estado democrático de direito, pois o cristianismo perde sua beleza e sentido, quando se transformam numa teologia de exclusão e de incitação à violência.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Daniel. El fundamentalismo es un Integrisimo? **Revista Religiones Latino-americana**. n.1, p. 87-104, 1991.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia de bolso, 2017.

CARNELL, E.J. Fundamentalism. Em Alverson M.; Cohen A. (Eds.). **Handbook of Christian Theology**, London: Fontana Books, 1958.

CARRANZA, Brenda. O Brasil fundamentalista? Em **Revista Encontros Teológicos**. Florianópolis: n.52, 2009. p. 147-166.

CARRANZA, Brenda. Cristianismo pentecostal: nova face da Igreja católica. In: MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino Lucà, (Org.). **Pentecostalismo Globalizado**. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2015. p.70-93.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CLAURET, Bernad. Crítica da Cultura: na época da secularização vive-se o silêncio de Deus na cultura, mas as tradições religiosas ainda podem ter muito a dizer no espaço público. **Revista Cult**: São Paulo. n. 177, ano 16, 2013. p. 36-37.

- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão Gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- DIAS, Zwinglio M. Fundamentalismo: O delírio dos amedrontados - Anotações socio-teológicas sobre uma atitude religiosa. **Revista Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, v. 3, n.13, p. 1– 6, 2008.
- FRANCO, Ricardo. Verdad o Liberdad? **Revista Selciones de Teología**, Barcelona, v. 31, n. 124, p. 332-338, 1992.
- LIBANIO, João Batista. **A volta à Grande Disciplina**. São Paulo: Loyola, 1983.
- LOCKE, John K. Reflexiones sobre el fenómeno del fundamentalismo. **Revista Selciones de Teologia**, Barcelona, v.31, n. 124, pp. 326-331, 1992.
- MOLTMANN, Jurgen. Fundamentalismo e modernidade. **Revista Concilium**, Petropolis-RJ: Vozes, n.241, p. 141-148, 1992.
- ORO, Ivo Pedro. **O Outro é o demônio**. Uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996.
- PACE, Enzo. **Il Regime della Verità**. Bolonha: Società editrice il Mulino, 1990.
- PACE, Enzo. STEFANI, P. **Fundamentalismo Religioso Contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2002.
- VELASQUEZ FILHO, P. O nascimento do 'Racismo' confessional: raízes do Conservadorismo protestante e do Fundamentalismo. In: MENDONÇA, A. G. VELÁSQUES, Filho, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 111-31.
- WHITERUP, D. D. **Fundamentalismo bíblico**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Ave-Maria, 2004.